

O inusitado amor do Catingueira e da Brucha



Christina & Ítalo Ramalho

2a. edição

2019



Natal, LucGraf, 2019.

Lucgraf
EDITORA GRÁFICA

Título Original: O inusitado amor do Catingueira e da Brucha, de Christina Ramalho e Ítalo Ramalho

© Copyright 2019 by Christina Ramalho e Ítalo Ramalho

É permitida a reprodução desde que com indicação da referência bibliográfica.

CONSELHO EDITORIAL LUCGRAF VIRTUAL

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)

Prof. Dr. Fabio Mario da Silva (UNIFESSPA)

Profa. Dra. Maria Aparecida Fontes (Università degli Studi di Padova – Itália)

Prof.a Dra. Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira (Colégio Pedro II)

Ilustração e arte da capa: Christina e Ítalo Ramalho

Revisão dos autores

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernando Antony Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165m Ramalho, Christina.

O inusitado amor do catingueira e da brucha. / Christina Ramalho;
Ítalo Ramalho. – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019.

33 p.; eBook (pdf).

ISBN: 978-85-7134-007-7.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura de Cordel. 3. Literatura popular
– Cordel. I. Ramalho, Ítalo. II. Título.

CDU 398.51(81)

CDD B398.5

Dedicamos esse cordel a nossas famílias
Bielinski Ramalho e Melo Ramalho.

Aos leitores e às leitoras,

Este cordel, escrito ora a quatro mãos ora individualmente,
mas sempre em parceria,
e regado a beijos e felicidade, é o nosso registro
da história que nos levou ao casório
realizado no dia 21 de janeiro de 2017.

As rimas variam entre abcbdb e abbcdd
e a ilustração da capa inspirou-se livremente
em desenhos de nosso amado poeta Ariano Suassuna.

O inusitado amor do Catingueira e da Brucha

Escrevendo um cordel?
Que é isso, Dona Christina?
Pois era o que me faltava
pra ser mesmo nordestina.
Num tinha era o pretexto,
até que veio esta sina.

Não carecia explicar,
sou poeta sem patrão.
Aliás, a poesia
num tem dono nem razão.
Mas vou ser muié bondosa
e contar uma emoção.

Escrevendo um cordel?
Seu Ítalo, o que é isso?
Pois num fique abestado,
assumi um compromisso
de escrever em parceria
com a Brucha e estou nisso.

Coisas pra lá de bonitas,
em abecedadedê
ou abecedebê,
juntos nós vamos dizer.
Masculina ou feminina,
a voz será Severina!

Quem, afinal, é a Brucha?
E por que com ceagá?
Isso eu conto mesmo já!
Ela é uma professora,
muié muito decidida,
que sem medo vive a vida!

Sua família é grande,
Bielinski e Ramalho,
gente de riso e baralho!
Nasceu na Carmela Dutra,
já no mês de fevereiro,
em pleno dia primeiro!

D'infância à vida adulta,
foi sempre estudiosa,
chorona e carinhosa!
Teve muitos apelidos:
hoje Chris, já foi Nonoia,
pros pais era uma joia!

No passado, um abecê,
que eu vou deixar de lado,
pois foi tudo superado.
Como boa aquariana,
põe os seus pés no futuro,
e é forte, isso eu juro!

Tem um amor muito grande
pelas filhas, pelos pais,
amigos e animais,
irmãos, cunhadas, sobrinhos...
Tios, primos, agregados,
é muito afeto guardado!

Com seu jeito de polaca,
gosta mesmo é de um samba,
queria ser negra e bamba!
Pintura, literatura...
de um tudo ela gosta,
n'alegria ela aposta!

Apesar de tanta gente
recebendo e dando afeto,
tinha um sonho inquieto:
viver um amor sem fim!
Mas caminhos desviados
mantinham o sonho adiado...

Andava um pouco cansada
do desengano e da dor,
mal sabia que o Amor,
escrito com A maiúsculo,
há dez anos a esperava,
destino que a vida cava...

É a vez do Catingueira!
Cabra macho, pombo sujo...
Dessa história eu não fujo!
De um lado, ele é Ramalho,
de outro, ele é um Melo,
Uma peste de tão belo!

Nascido em Guarabira,
no solo da Paraíba,
índio, negro, caraíba!
Menino pra lá de arteiro,
Dona Teca que o diga,
mais que isso é intriga!

Veio ao mundo em abril
dezenove era do mês
extemporâneo e de vez,
preludiando o dia,
cabra fraco e mirrado,
sem choro, desacordado!

O dia: era uma sexta!
O ano: setenta e quatro!
A lua cheia de quarto,
na noite, nua boiava.
Nesse místico cenário,
nascia lento o canário.

Cresceu lá na Paraíba,
terra dos Anjos Augusto,
tendo o pai como vulto,
que sempre o acompanhava.
As suas irmãs amadas:
Hebinha e Zebé danadas!

Nos verdes canaviais,
Ceará-Mirim então,
descobriu a vocação
de ser tudo e não ser nada.
Jogou baralho e dado,
sinuca mais aliado.

Se não fosse a sua mãe,
o rapaz tava perdido,
o sangue do destemido
Dona Têca aferventou!
A mudança encaixotada
pra Natal ensolarada!

Passadas algumas corridas,
o ponteiro já marcava
o que o estudo fermentava.
Tentou tudo e mais um pouco,
em Ciências mergulhado,
terminou advogado!

Considerando o fato
de os heróis de nossa história
viverem neste Nordeste
recheado de memória,
o cordel foi logo eleito
a forma mais meritória.

Sempre assim nossos heróis:
gente boa, com certeza,
e amantes da natureza.
Como prêmio e recompensa,
a vida lhes trouxe a sorte
de um Amor muito forte!

Há histórias nesta vida
que trazem tanta surpresa,
que pra cantá-las direito,
sem perder sua beleza,
é preciso organizar
verso e metro com certeza.

Poema dependurado
no sisal ou no algodão,
poesia enclausurada
nas celas do coração,
um misto de carne e osso,
espíritos em ação.

Ademais desse registro
e talvez mais importante
foi, contudo, o conteúdo
por demais hilariante
desse amor todo moldado
pra ser muito interessante.

Poetando sob risadas,
começo agora ligeiro
a narrar as aventuras
de um Taurus Catingueiro
cabra canalha moreno
que viu a Brucha primeiro.

Disse Taurus que há dez anos
lá na universidade
viu um pôster na parede
que lhe deu curiosidade.
Era um curso literário
que atiçou sua vontade.

A capital potiguar,
ano dois mil e seis,
será palco do encontro,
agosto é que foi o mês!
Teatro e literatura
na cidade dos três reis.

Pelo pátio vinha torto
o azul que o aguardava,
flutuando sobre as pedras,
anjo louro levitava.
O encontro foi tamanho,
que o céu prenunciava!

Catingueira já urdia
que engenho utilizar,
pois abestado ficou
c'os azuis a encadear.
Será que é uma visagem
ou “santa” fora do altar?

Fantasia galopava,
tecendo sonhos e fala,
enquanto a linda loura,
consentindo quando cala,
soltou logo um “boa tarde”
mais cirúrgico que bala!

Ela então continuou:
“Você pode me abrir
as janelas desta sala,
antes de alguém perquirir
sobre o escaldante calor
que ora faz por aqui?”

Demorei alguns segundos
e logo eu respondi:
“Claro que sim!” (Tonto estava
e assim permaneci!)
De pronto já emendei
uma pergunta e sorri:

“Você vai fazer o curso?”
E ela, serenamente,
respondeu: “Ministrarei!
Deste curso eu sou docente...”
(Pronto! Onde vai esconder
sua cara, seu demente!)

Passada a euforia,
falamos sobre os Ramalho.
O meu: da Paraíba!
Chão de beleza e orvalho!
O dela: Rio de Janeiro
Forte tronco de carvalho.

As aulas continuaram,
Semanais e quinzenais...
Deuses da mitologia,
Deusa mais que demais!
Estradas se bifurcaram,
Porém, perdidas, jamais

Transcorrida uma década,
Hiato que Eros levou,
para unir nossos heróis,
o “feicebuque” utilizou!
“Mensegem” e “uatizape”,
telefone ele comprou!

A trama foi-se fiando
Pelo celeste Olimpo,
Colegiado divino,
Farejador de garimpo.
Não tardou, eles disseram:
“É o amor passado a limpo!”

No dia oito de maio,
pela escura madrugada,
ano dois mil e dezesseis,
sem estrelas, enluarada,
segundo domingo de maio,
dia de festa sagrada...

“Boa noite, professora!
Tá tudo bem? Como vai?”
Antes de qualquer coisa,
vou sair do vai-não-vai:
“A senhora é muito linda,
talhada por Nosso Pai!”

A Galega agradeceu
e emendou numa conversa...
A noite foi encurtando,
logo se tornou perversa,
os olhos cerram ligeiro,
pelo sono e vice-versa...

Mesmo assim romperam a barra...
Logo logo clareou.
O desejo comeu o sono
e o sono aceitou.
Pelo bem da humanidade,
o amor ressuscitou.

Saíram os dois a trotar
pelos campos virtuais,
rememoraram o passado
em minúcias iniciais,
de futebol a política
etcétera e que “tais”!

E as palavras brotavam
como água em minadouro...
O desejo de estar
vale bem mais que ouro,
planta que fecunda a terra,
nossa arca do tesouro.

Permeavam sua rotina
vídeos, canções e ternura,
madrugadas de conversa,
e um tanto de diabrura...
Dia a dia foi-se vendo
que o Amor ninguém segura!

As coisas que ele fala
para a Brucha feiticeira
fazem a moça dar risada
de oreia a oreia
porque quase, quase tudo
é um bando de besteira.

Mês de Maria estendeu...
Os olhos não dominaram,
temperando o destino
dos caminhos que cruzaram
débil corrente do sono,
da insônia germinaram.

Horas e horas a fio
desafiando o gume.
Aço de folha afiado,
lâmina que corta o lume,
encharca de mar o rio,
de sal, doce e cardume.

Segue em frente a correnteza,
descendo leito abaixo,
chegando ao mês junino,
represado e com despacho.
No perfume da fumaça,
o buraco é mais embaixo!

E a saga continua
com a Brucha aventureira.
Foi à Grécia a danada,
lugar de gente matreira!
Do Brasil expôs o golpe,
no simpósio! Que guerreira!

Nesse tempo o Catingueira,
de posse do celular,
comunicava à Brucha
o desejo lhe açodar,
sua saudade sem beira,
sua eira sem lugar.

A Brucha sabendo disso
de pronto assegurou
Que pro fim do mês de junho
o encontro agendou.
Queimar milho na fogueira,
queimar carne, confirmou!

A malvada assustou
com o poder da alquimia.
Disse: “Venha, Catingueira!
Venha ver se gata mia!
De dia transformo em ouro.
De noite, tudo é magia!”

E o valente saltou
que nem rã sem a parede,
sem base, sem alicerce,
sem punho armado, sem rede.
Desmaiou nos braços dela
Pra mode matar a sede!

Naquele instante geraram
a terra, a água e o ar!
Parou de queimar o fogo!
E o relógio, de marcar!
Plasmados olho no olho,
castanho no azul solar.

Vazado o couro do sol,
pela negrura viril,
espíritos dilatados,
almas em solo macio,
romã do jardim dos sonhos
alegra a carne gentil.

O amor foi muito intenso.
É melhor nem comentar!
Mas vieram as badaladas
e o tempo de se ausentar.
Para a terra dos cajus,
Brucha tinha que voltar.

De novo ao virtual,
mas na carne incendiados,
Catingueira e a Brucha,
ainda mais conectados,
ansiavam pela hora
doutros encontros marcados.

Sob cantos e encontros,
a máquina pôs-se a fiar.
Fiou fio de algodão,
conjugou o verbo amar,
passado no presente,
futuro que vai chegar.

A Brucha foi titulada
de Aracaju cidadã!
Fez discurso no palácio
brilhosa feito maçã.
E embalou pra Natal
logo na outra manhã.

De posse do automóvel,
a peste acelerou
Foi direto pra Natal,
dez horas depois chegou.
Cansada, porém bonita,
a Galega estacionou.

O amasso que os dois deram
foi mesmo impressionante.
Uma saudade tremenda
e um desejo gigante
foram deixando bem claro:
era um amor relevante.

Desta vez, envergonhada,
ainda que bem contente,
Brucha ficou hospedada
(escova e pasta de dente!)
na casa do Catingueira.
A sogra foi um presente

Os dois muito assustados
c'ó modo a coisa corria
lembraram de Saramago,
que depois de três dias,
acinturou-se em Pilar,
com amor e bruxaria.

Nessa curta temporada,
marcando o reencontro,
conheceu o Pombo Sujo,
sodalício de encontro.
Foi de frente e de ofício,
só não teve desencontro.

Nos cascos do alazão,
galope desenfreado,
“algemas de baraúna”,
amor compartilhado,
laço de fita na renda,
texto por Deus bordado.

Não tardou e já estavam
rumo a outro exercício:
voltar à terra da Brucha
não era um sacrifício.
Orfeu queimou gasolina...
Isso foi só o início.

Oitocentos de distância,
mil metros a palmilhar!
Paraíba, Pernambuco,
Alagoas a atravessar.
Canções e versos no vento.
Sergipe: vamos chegar!

A viagem se estendeu
em enxurrada de légua.
Não tinha distância curta!
Não se media por régua!
Cavalos em automóvel.
Parido sono de égua.

Chegando à capital
do caju e da arara,
do caldo de cana verde,
tempo que o tempo não para,
de medo: tremeram pernas!,
de frio: bucho dispara!

Conheceu boa parte
da família relevante.
Jogo no dia seguinte:
“Vamos ABC! Avante!”
O jogo foi um a um.
O Dragão foi elegante!

C’as duas filhas da Brucha
e também c’o genro dela,
assistiu a esse empate,
contente com a tabela!
Após o jogo, Itabaiana!
Serra mítica e bela!

O melhor dessa história
ainda estava por vir:
chegaram das bandas do sul
sogro e sogra conheci.
O sogro, verbo do riso!
A sogra, que sempre rir!

Acuado no canto da mesa,
na mira do “caçador”.
O algoz do bolso sacou
papel ameaçador.
Será veneno de rato,
pó mágico exterminador?

Vou contar o episódio
que se passou na cozinha.
Espero não se assuste!
É sobre certa listinha
que o pai da Brucha compôs
para o “genro” andar na linha.

"Escrevi quatro coisinhas
e quero sua atenção...
É melhor que você saiba,
sem medo e sem tensão,
como deve dar os passos
para evitar confusão..."

O pai da Brucha ligeiro
tirou a lista do bolso.
Com o apoio da esposa,
olhou nos olhos do moço
e deu início ao conselho
sem ter que fazer esforço.

Disse então bem espaçado:
"Cuide bem da higiene,
lave tudo direitinho,
use perfume e creme!
A Brucha é exigente!
Até cravo ela espreme!"

A moça ficou passada,
vermelha que nem pimenta,
pensou no que mais viria...
"Assim ele não aguenta!
Vou é ficar sem meu gato...
Desse jeito ele arrebenta!"

Catingueira preocupado
(se sentindo até imundo!)
disfarçou o seu receio
e esperou pelo segundo.
O pai da Brucha, animado,
assumiu um tom profundo:

"Falarei sobre trabalho,
que é tema relevante...
Se um ganhar mais que o outro,
não importa que montante,
não terão qualquer problema,
isso não é importante..."

Mas há algo proibido
que se chama exploração!
Se um luta e outro dorme,
vira tudo confusão!"
Catingueira olhou de lado...
"Esse sogro é o cão!"

Brucha ouviu apavorada!
"Agora o homi se vai!"
Mas Catingueira é duro,
da cadeira ele não cai,
pelo conselho terceiro
esperou ouvindo o pai.

"Entre você e as meninas
deve haver respeito e amor,
a Brucha fica amuada,
se desse jeito não for.
Assim, trate as filhas dela
muito bem, senhor doutor!"

Coitado do Catingueira!
Ainda faltava o quarto...
Vendo o sogro animado,
pensou: "Eu hoje infarto!".
Mas era a última coisa...
"E essa lista eu não descarto!"

"Pois bem", falou o sogrão,
"por último, eu destaco,
que a Brucha não para quieta!
Não queira você dar pitaco
no que é o trabalho dela
que há risco de barraco!"

Tem congresso, seminário,
tem evento, tem passeio,
vai pr'um lado vai pro outro,
viaja o mundo inteiro,
trate de estar preparado
pr'uma vaga no escanteio!"

Dito isso, aliviado,
o pai da Brucha, sabido,
esperou que Catingueira
pronunciasse o veredicto.
O moço mais que depressa
dissipou qualquer conflito.

"O senhor me deu a lista,
e aqui eu digo e repito:
vou seguir tudo direito
cheiroso como um cabrito!
Ficando assim acertado,
tomo coragem pro rito..."

E pediu foi a mão dela
pro sogrão e pra sogrinha
e quase estava dizendo
"Ela é minha, ela é minha!"
Mas um tanto comportado
agradeceu a listinha!

Os sogros bem satisfeitos
com a postura do genrinho
lhe estenderam as mãos
em um gesto de carinho.
Mostradas as alianças,
ficou tudo acertadinho.

A Brucha apaixonada
por pessoa tão incrível
percebeu que era a hora
de dizer o indizível.
Abraçou o Catigueira
e se pôs toda sensível.

"Eu te amo, seu danado!
Isso é pra vida inteira!"
E a história da listinha
virou uma brincadeira.
Teve início o noivado
da Brucha e do Catingueira!

Que fique aqui o registro
da data do nobre evento
o dia era vinte e seis
e o mês do acontecimento
foi o glorioso agosto
e que venha o casamento!

Pra lá de especial
é o acontecimento
que eu conto neste momento
e que é algo mesmo belo.
Prepare sua emoção!
Não é brincadeira não!

No século dezenove,
em cenário de encantar,
começaram a se amar
um menino e uma menina.
Foi tão linda a história
Que alguém guardou na memória!

Carolina, a Moreninha,
e Augusto, mui charmoso,
como um casal virtuoso,
apesar de pequeninos,
socorreram um senhor
que sentia muita dor.

O véio se comoveu
c'ó carinho das crianças,
que cheias de esperanças
logo lhe deram as mãos.
O homem bastante grato
fez algo raro de fato.

Deu aos meninos dois breves,
disse aos dois que os guardassem,
que pra sempre se amassem,
sem medo da despedida.
Um branco, um verde-clarinho,
que lindos os brevezinhos!

Cada qual pegou seu breve,
estava criado o laço.
Deram no véio um abraço,
chegou a hora do adeus.
Os nomes nem se disseram,
não sabiam nem quem eram.

Carolina foi prum lado,
chamada pela família,
que vivia numa ilha.
Augusto se foi também.
O que eles não sabiam
eram os fatos que viriam.

Alguns anos se passaram,
e a história ficou guardada
como coisa encantada.
Cada um tinha seu breve,
mas, se nem se conheciam,
será que se encontrariam?

Na ilha de Paquetá,
o milagre aconteceu.
Vou contar como se deu...
Chegou à ilha um dia
um grupo de estudantes
alegres e elegantes.

Um deles era Augusto,
moço avesso a compromisso
e que brincava com isso.
Meteu-se então numa
aposta: ali dias ficaria,
mas não se apaixonaria.

A chegada dos rapazes
foi muito comemorada
por toda a mulherada.
Houve conversas, saraus,
a juventude desperta
ao amor estava aberta!

Paquetá estava em festa!
A estrela mais brilhante
era a moça saltitante
chamada de “A Moreninha”.
Era feliz e airosa,
engraçada e formosa!

Entre outras ocorrências
que não preciso dizer,
mas que vocês podem ler,
eis que Augusto perde a aposta!
Não resiste à Carolina,
que encanto de menina!

Ele fica dividido
entre o amor do passado
e aquele fogo danado!
Contou pra dona da casa
a história do seu breve
e o coração ficou leve!

Escondida num recanto,
Carolina tudo ouvia
com enorme alegria!
Apertou seu breve branco,
que guardava com receio
bem juntinho do seu seio!

Que sorte teve a menina!
Apaixonou-se no escuro,
uniu passo e futuro!
Faltava dizer ao moço
pra não fica dividido,
que o destino foi cumprido...

Um encontro emocionante,
é o que posso dizer,
os dois iriam viver!
Pensando ser traidor,
ao saber que não o era,
Augusto riu-se à vera!

Finalmente os dois breves
voltaram a ficar juntos,
comovendo o conjunto
de visitantes da ilha.
E o que quase foi tormento
terminou em casamento!

Vocês devem perguntar:
que importa essa história,
esse amor e essa glória,
pra Brucha e pro Catingueira?
Pois vocês num sabem não:
continua a emoção!

A romântica da Brucha
um dia acordou bem cedo
e se lembrou de Macedo,
autor de “A Moreninha”.
Pensou então bem faceira:
vou falar c’o Catingueira!

Não demorou pro Moreno
adorar aquele plano!
Faltava escolher o pano!
De que pano estou falando?
Ora, então não perceberam
o que os dois resolveram?

Um breve pra cada um,
um amuleto de sorte
pra guardar até a morte!
E foi tudo bem planejado:
como, quando, coisa e tal...
E o pano? Do Senegal!

Dizer aqui eu não posso
o conteúdo dos breves...
Só digo: são coisas leves!
Decidido o conteúdo,
a Brucha e o Catigueira
curtiram a brincadeira!

Brincadeira? Deixe disso!
Nessa nossa fantasia
existe sonho e magia!
Nossos breves são pra sempre,
assim como o nosso amor!
É promessa de valor!

O ritual da costura
foi roteiro de cinema!
Não há quem ouça e não gema!
Aguilha e linha na mão,
a Brucha ganhando beijo,
breves cheios de desejo!

Tudo foi feito n'Acrópole,
em agosto, vinte e seis,
E eu digo a vocês,
relembrando aquela noite,
que a cada ponto dado,
um carinho era trocado.

Foi um rito de três horas,
que os dois não vão esquecer
na vida que há pra viver!
Cada qual leva seu breve
como pedra preciosa
e com ternura fogosa!

Às vezes os dois conversam,
lembrando aquele momento,
verdadeiro casamento!
Tecido do Senegal,
segredo a dois guardado...
Eita casal arretado!

A história continua
e agora lhes vai dar pena
por falar de quarentena.
É que a Brucha vai zarpar,
separados ficarão
com saudade de montão!

Primeiro, pedra da Grécia,
cultura ocidental.
Segundo, do Senegal,
estampas da humanidade.
Razão da filosofia.
Deuses da arqueologia.

Embarca mais uma vez
para outra expedição,
a Brucha no avião
rasga o céu do Brasil.
De São Paulo ao velho mundo,
num piscar, em um segundo.

Cruza o mar tenebroso
No cavalo voador.
Aportando o vencedor
Nas searas europeias.
Batalhas e cenas de guerra:
Portugal, França e Inglaterra!

Um oceano no meio,
tempo longo a separar
esses dois foi de lascar!
Uma década esperando
e agora esse intervalo
que no peito dá estalo!

Mas são fortes os corações
do Catingueira e da Brucha
e não há gato ou gatucha
que atrapalhe a harmonia
dessa dupla que se ama
sem teatro ou melodrama!

"Uatizape" e "mensengem",
bálsamos para a saudade
ajudaram de verdade
nossos queridos heróis,
que falaram sem cessar
feito as ondas do mar.

Entre as muitas
ocorrências:
frio, saudade, pesquisa,
Brucha contava concisa
ao amado o que passava.
Ele cheio de cuidados
mandava versos bordados.

Tudo o que ela visitava
mandava pra ele ver.
O que queria era poder
tê-lo ao lado, bem juntinho.
O Atlântico no meio
parecia grande e feio.

Da quarentena nasceu
uma aquarela de sonho
que agora aqui exponho:
cinco horas de conversa,
gerando imagens e versos
nos matizes mais diversos.

Fazendo fotopoemas,
a Brucha criava a cor.
Catingueira, com amor,
respondia com poesia.
Criaram belo repente
do sentimento iminente.

“Eu posso mandar mais uma?”
“Arrocha, sua faceira!”,
dizia o Catingueira.
E o resultado disso?
Quatorze composições!
Arco-íris de emoções!

Cor da ferrugem e do ouro,
do jerimum e do sol.
Misto de mito e de touro,
sumo de laranja-lima,
vou casar c’o essa menina,
mulher vestida de Sol.

Ausência demais é preto.
Brilho demais encandeia.
Amor de vazante e de cheia,
Uniu dois num hino só:
Galega no ponto certinho,
Moreno bem coradinho,

Duas camisas distintas:
ABC e Confiança.
Mesmo assim há semelhança
quando rubro-negro pinta.
Tinta escorreu nas cidades,
pra amenizar as saudades.

O tempo da quarentena
perdeu-se no infinito,
o amor ficou mais bonito,
e os dois mais confiantes.
Da aquarela da saudade,
brotou mais cumplicidade.

Chegou a hora esperada!
A Brucha voltou pra casa!
Catingueira não se atrasa
e levando mala e cuia
lá na Acrópole se instala
nova fase se assinala!

Resolvida a saudade
que o peito dos dois tocava
ferindo a veia cava,
começava novo sonho:
viajarem bem juntinhos!
Mote pra outros versinhos!

Numa história contada
tem que ter o improvável,
maravilhoso, mutável,
elemento de criação.
Arte equilibra a vida.
Vida faz-se preenchida.

A Brucha o convenceu
que deveria conhecer
o sol que a viu nascer.
O brilho é diferente,
verde morros vegetais
cenas de cartões postais.

Na Gávea tem o Flamengo.
Corcovado, Pão de Açúcar,
Arcos da Lapa, Tijuca.
Casa do samba, Mangueira.
Guanabara, Redentor,
Ipanema, Arpoador...

Aquilo já maltratava
as oíças do Catingueira,
que, de pronto, sem besteira,
confirmou empedernido.
A Brucha hábil na arte
conquistou a outra parte.

Nos dias que antecederam
a temporada do sonho,
o riso ficou tristonho,
foi dando logo nervoso.
De carro seria longe.
serena calma de monge!

Inclinado à estética,
aos movimentos artísticos,
a viola era o seu dístico,
o mel do biscoito fino.
Partiu: Rio de Janeiro!
Jardim do samba, mosteiro!

Embarcaram rumo ao Rio
no estado de Sergipe.
de avião e não de jeep,
Chegaram à Guanabara,
E o aço que voa alto
conquistou o nobre incauto.

Nos campos largos do céu,
observava as serras
diferentes lá das terras
do nordeste campolino.
Seu verde era branquinho,
azul só no sal marinho.

No Rio conheceu tudo
que supracitado foi.
Isso, aquilo... me perdoe
o exagero da prosa.
Nessa bela capital
até Deus vira mortal!

Passeios e mais passeios,
vista dos morros, favelas.
Espaço que tem vielas,
fluxo quente em suas veias
O Rio é mais Sertão!
O Rio é mais Nação!

Na volta se iniciaria
nova etapa em suas vidas
de criações comovidas.
Pensariam no casório,
de detalhe em detalhe,
caprichando no entalhe.

Fuxicos, flores, cordel,
garrafas reinventadas,
miudezas arretadas...
Tudo em torno de uma festa
pra celebrar com modéstia
um enlace da moléstia!

Em vinte e um de janeiro,
data c'ó amor escolhida,
celebrariam a vida!
Amigos de todo canto
foram logo convidados.
Ficaram emocionados!

O que foi que perceberam
pra se sentirem assim?
Que os dois deram um “sim”
à chamada do Amor
e que as coisas que diziam
nos seus olhos reluziam.

Pra encerrar esta história,
que hoje, em pleno casório,
prosseguirá no cartório,
seguem algumas palavras
que falam sobre esse par
que só deseja se amar.

Zeca Baleiro, Xangai,
Ivan Lins, Sérgio Sampaio,
a vida não é ensaio,
é música de sinfonia!
Sempre há boas canções
reinventando invenções.

Um Pai Nosso de mãos dadas,
o abraço carinhoso,
na hora de seu repouso,
o cuidado nas minúcias,
ouro em barra e em pó,
beleza de não ser só.

A praia como uma estrada,
Orfeu Negro na avenida,
Os dois guiando a vida,
pra tentarem ser melhores.
Cuidado com os bichinhos,
que são doces bem porquinhos!

Das Graças Nossa Senhora
abençoa esses dois
antes, agora, depois.
A medalha no fuxico
traz bênçãos aos convidados,
amigos também herdados.

No futuro, novos planos,
novos cordéis encantados,
mais e mais pomos dourados.
Que a Brucha e o seu Taurus
tenham, à sua maneira,
Deus em sua cabeceira.

Encerro aqui o relato
Agradecendo às famílias
(seus pais, suas mães, as filhas)
da Brucha e do Catingueira.
Sem vocês, nada de sonho!
Com vocês, tudo é risonho!

Ível é rima de incrível,
TArefa linda é criar
LOas à sorte de amar.
E que as pedras no caminho
Christo possa implodir,
fazendo o amor resistir!

**FIM DO PRIMEIRO CORDEL
DO CATINGUEIRA E DA BRUCHA**



luegraf
LUEGRAF GROUP